



GT 48. Família, gênero e sexualidades: cultura, conflito e transformação política

Coordenador(es):

Marcelo Tavares Nactivity (UFC - Universidade Federal do Ceará)

Leandro de Oliveira (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais)

Este GT tematiza relações familiares entre pessoas LGBT, contemplando conexões com a “família de origem” e a formação de novas famílias, incluindo marcadores como geração, classe, soropositividade, gênero, origem, raça e religião. Contemplando temas como o casamento igualitário, conjugalidades e parentalidades, o GT coloca em foco nexos entre convenções culturais, ações de movimentos sociais, micropolíticas do cotidiano, discursos emocionais, interações e relações de poder em contextos plurais, de modo a discutir reconfigurações do público e do privado. Serão acolhidos estudos que abordem discursos sobre casamento igualitário; formas de regulação do gênero e da sexualidade de pessoas LGBT na esfera familiar; tensões e negociações nos grupos domésticos; formas de ajuda mútua, cuidado e manutenção de laços no cotidiano da casa ou em redes de casas; construções da “aceitação” na sociedade e na família; relações entre famílias de origem e parceiros/ companheiros de pessoas LGBT; família e gerações; família, religião e sexualidades; transformações nos significados culturais associados à noção de “família”; os usos da noção de “família” como arma política na esfera pública e na arena política; família e controvérsias sobre “ideologia de gênero”; enlances entre direitos sexuais, questões LGBT, e laicidade do Estado. O GT abarcará ainda os temas da homofobia e transfobia, incluindo situações que articulam preconceito sexual, estigma e afetos no âmbito das relações familiares.

Sentidos e práticas de fazer família LGBT: uma análise fílmica e etnográfica

Autoria: Mário Ferreira da Silva (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Este pôster é um dos desdobramentos das investigações do projeto de pesquisa sobre a Família Stronger, coletivo LGBTQIA+ da periferia de São Paulo, coordenado pelo Prof. Vitor Grunvald (UFRGS), no qual participo, como pesquisador de Iniciação Científica, pensando possíveis relações entre as experiências e práticas de fazer família de dito coletivo e aquelas observadas no âmbito da cultura ballroom norte-americana, aqui acionada tanto a partir do clássico documentário Paris is Burning quanto da série contemporânea Pose. Símbolo da efervescência da comunidade LGBTQIA+, a Cultura Ballroom chegou ao seu ápice na década de 80 nos Estados Unidos. Essa cena girava em tornos dos balls, espaços onde as houses (casas onde as mães? acolhiam jovens LGBTQIA+ que haviam sido rejeitados pela família) competiam em desfiles e batalhas de voguing a fim de tornarem-se legendárias. Os ballrooms, tanto na economia fílmica de Pose quanto de Paris is Burning, funcionavam como espaço de aceitação e acolhimento onde a comunidade podia viver suas identidades e corporalidades sem os grilhões normativos da sociedade conservadora da época. A partir da sugestão de Teresa de Lauretis de que o cinema é uma tecnologia de gênero que produz realidade social, este pôster busca investigar os discursos audiovisuais também como formas de fazer família que são construídas e sugeridas performativamente por essas produções. A sugestão de aproximação entre as experiências de família no contexto estadunidense de fins do século passado e as da Família Stronger foi sugerida em diversos momentos da pesquisa mais ampla à qual minha investigação se liga, inclusive por Elvis Stronger em palestra proferida na 21ª Bienal Sesc_Videobrasil. Contudo, Elvis também expõe importantes distanciamentos entre os dois contextos. Nesse sentido, essa proposta de pôster, além de mapear formas de fazer família na cultura ballroom através da análise fílmica de duas obras, pretende, igualmente, pensar as aproximações e distanciamentos possíveis em relação ao coletivo LGBTQIA+ que



constitui o eixo etnográfico dessa pesquisa.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: